

HERMENÊUTICA FILOSÓFICA E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Data de aceite: 01/12/2023

Tatiana Almeida Couto

Sérgio Donha Yarid

<http://lattes.cnpq.br/8117560233755788>

RESUMO: O objetivo do estudo é propor uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem de educação em saúde na perspectiva da hermenêutica filosófica. Compreendendo a evolução da hermenêutica ao longo dos anos e as influências de Gadamer para a produção, enquanto embasamento filosófico e também metodológico. Destaca-se a pertinência da utilização da hermenêutica filosófica sob a ótica de Gadamer para a análise de dados tanto de estudo documental, como a partir da coleta de dados com participantes. Sendo válido destacar a ampliação de conhecimentos para pesquisador(a) envolvidos, e as inferências possíveis para a melhoria da formação em Enfermagem, na educação em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica. Ensino. Aprendizagem. Educação em saúde.

ABSTRACT: The objective of the study is to propose a reflection on the teaching-

learning process of health education from the perspective of philosophical hermeneutics. Understanding the evolution of hermeneutics over the years and Gadamer's influences on production, as a philosophical and methodological basis. The relevance of using philosophical hermeneutics from Gadamer's perspective is highlighted for analyzing data both from documentary studies and from data collection with participants. It is worth highlighting the expansion of knowledge for the researcher involved, and the possible inferences for improving Nursing training, in health education.

KEYWORDS: Hermeneutics. Teaching. Learning. Health Education.

INTRODUÇÃO

A complexidade e a importância de investigar os processos formativos na Enfermagem, e dentre eles, sobre educação em saúde, direcionou nesse estudo, como perspectiva filosófica, a hermenêutica filosófica de Gadamer. Esta que se apresenta relevante para esse estudo e se justifica como referencial, pois

se desenvolve no parâmetro da interpretação textual com valorização da linguagem, fato que possibilita identificar e fazer perguntas, dentro do processo do círculo hermenêutico, seja na interpretação de textos, dos documentos, assim como no diálogo a ser estabelecido com os participantes.

A escrita tem um caráter puro e depende da compreensão, no momento de decifrar e interpretar, para a transformação daquilo que esteja no passado, entre o estranhamento, para algo familiar e com sentido para o pesquisador. Toda leitura compreensiva é sempre percebida como uma interpretação (GADAMER, 2015).

O fenômeno hermenêutico traz a perspectiva da conversação e de pergunta e resposta. Pois, um texto ao ser o objeto de interpretação, apresenta também uma pergunta ao intérprete. Nesse sentido, a interpretação possui uma menção essencial a essa pergunta que foi dirigida. E a compreensão desse texto se dará ao ser alcançado o horizonte hermenêutico, a partir do momento que for realizada a definição do horizonte da pergunta, e conseqüentemente, a direção do sentido do texto com a compreensão a essa pergunta (GADAMER, 2015).

Para a compreensão, por sua vez, é necessário que as perguntas possam ultrapassar aquilo que foi dito, ou seja, a resposta. Assim, para a compreensão do sentido de um texto é esperado alcançar o horizonte do perguntar e o acesso a outras respostas. “Assim, o sentido de uma frase é relativo à pergunta a que ele responde e isso significa que ultrapassa necessariamente o que é dito nela” (GADAMER, 2015, p. 482).

Cada universidade tem seu contexto cultural, suas peculiaridades, então cada leitura e interpretação de um Projeto Pedagógico do Curso (PPC) exige esse olhar singularizado. A partir do elemento de pertença, visto que os textos foram escritos em determinado período histórico. Como Gadamer menciona que o texto não pode ser considerado, efetivamente, se o mesmo não tem esse sentido de pertença. Dessa forma, precisa-se ressaltar em qual contexto esse texto está situado e a quem pertence, pois foi escrito por uma pessoa ou um coletivo e traz muito de suas percepções (GADAMER, 2015).

O plano de curso, como o nome diz, pode ser feito por uma analogia com uma bússola direcionadora, um plano, que, portanto, deveria ser seguido pelos docentes na implementação do processo ensino-aprendizagem. O seguimento, assim como o não seguimento desse plano, apresentará conseqüências e a hermenêutica filosófica impulsiona reflexões sobre o fato de que tecnicamente o plano de curso existe pra dar esse resultado de impacto positivo na formação, mas de fato não sabe se terá o resultado esperado. Dessa forma, ressalta-se que o objetivo da filosofia não é responder perguntas, e sim, fazer perguntas.

O fenômeno hermenêutico guiado pelo modelo da conversação permite entender que também para a compreensão do texto é preciso a aproximação com o confronto, do mesmo modo que na conversação, em que há confronto com o interlocutor em relação a algum assunto, também estará o pesquisador nessa busca da compreensão do que o texto

pode dizer. Essa compreensão se dará diante uma pauta e o que emergiu dessa fala, seja no diálogo da conversação ou pela conversação diante da compreensão do texto. Dessa forma, a linguagem presente no diálogo é como um dos momentos hermenêuticos e se refere a base de toda pergunta (GADAMER, 2015).

Assim, o objetivo desse estudo é propor uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem de educação em saúde na perspectiva da hermenêutica filosófica.

DESENVOLVIMENTO

A Europa em geral enfrentava o problema do existencialismo, diante do confronto que trouxe entre a essência do homem e das consequências de seus atos na sociedade. E o papel de Heidegger desde a sua entrada na universidade da Alemanha ficou mais nítido com o grande impulso da publicação da obra “Ser e tempo”. Esta que foi a obra de maior destaque do autor, e que apesar de possuir uma linguagem complexa, despertou interesse de significativa parcela da população, pois as pessoas tinham a necessidade de inovação, bem como dessa novidade na forma de conhecimento.

A “novidade” lançada por Heidegger despertou interesse em parte da sociedade, uma vez que o seu pensamento trazia uma outra aposta epistemológica que sobretudo, propunha uma virada no sentido do ser. Essa virada foi denominada “virada hermenêutica”, uma vez que agregava às estruturas de conhecimento.

Diante disso, esse mecanismo, Heidegger propõe como um problema de linguagem, por não se tratar mais de questões das relações do homem com o divino, transcendente, diante da inserção da metafísica. Estando o problema no campo do homem com a linguagem, a forma como se dá a comunicação. Então esse problema de comunicação provocava uma ruptura entre os indivíduos. Pois, cada indivíduo pensa de uma forma, e para a linguagem isso acaba produzindo a ruptura. E portanto, Heidegger busca formas para reformular, sistematizar e a estratégia seria por meio de uma nova hermenêutica: uma nova linguagem, ou melhor, uma nova forma de linguagem.

Gadamer pensando numa nova perspectiva, propõe uma virada hermenêutica da linguagem. Assim, ele partiu da proposta de Heidegger que era de uma virada linguística fundamentada nos princípios e uma nova forma de filosofar. Sendo assim, Gadamer fala de uma virada ontológica da hermenêutica sobre a linguagem. Essa virada ontológica que é uma virada do ser. Ou seja, seria reprogramar as formas de pensamento sob uma nova dimensão. Assim, o “ser” deveria protagonizar a ação. O ser devendo se submeter ao processo de conhecimento, ao processo epistemológico, para assim compreender as novas formas que a linguagem poderia proporcionar.

Heidegger propõe essa reformulação na linguagem, na medida em que a compreensão do homem parte da sua relação linguística. E isso exige uma amplitude, pois não se trata de reformulação morfológica, mas na forma como o ser lida com a linguagem ou como o ser e a linguagem coexistem.

Assim, Gadamer fundamenta a sua filosofia, com o conceito de *dasein* iniciado por Heidegger. Diante da lógica que a partir do momento que é compreendida a estrutura do ser, essa compreensão é diante da temporalidade, e ver o ser como uma estrutura existencial, como comunicação, como realidade permanente, ontológica. Portanto, esse conjunto na compreensão possibilita a virada ontológica, e o desafio estava também por ser um processo antigo, que foi construída gradativamente pelas filosofias.

A virada ontológica seria para conhecer as coisas tal como elas são, porque desde a proposta de Heidegger o conhecimento do ser não deve se dar pela aparência, por sua forma externa, e sim, o ser pelo ser, sua essência.

Gadamer era considerado “discípulo de Heidegger” e demonstra uma das causas para essa aproximação, a admiração pelo trabalho, bem como o fascínio pela intensidade com que Heidegger fazia reviver a filosofia grega (GADAMER, 2011, p. 551):

O que é que nos atraiá, a mim e a outros, a Heidegger? É claro que então eu não sabia responder a isso. Hoje, vejo-o assim: aqui as configurações de pensamento da tradição filosófica ganhavam vida, porque eram compreendidas como respostas a perguntas reais. A descoberta da história de sua motivação dava a essas perguntas um caráter de ineludibilidade. As questões compreendidas não são um mero tomar conhecimento. Convertem-se em verdadeiras perguntas. Mas quando aprendi com Heidegger a conduzir o pensamento histórico para a recuperação dos questionamentos da tradição, que as velhas questões tornavam-se tão compreensíveis e vivas que se convertiam em verdadeiras perguntas. O que estou descrevendo é a experiência hermenêutica fundamental, como a caracterizaria hoje.

Dessa forma, os estudos de Gadamer em sua primeira fase tiveram conclusão em 1960 com a obra *Verdade e método I* e refere a sua experiência como docente, por atuar por dez anos (GADAMER, 2011). E sobre o seu trabalho de escrita expressou que: “durante muito tempo escrever representou para mim uma verdadeira tortura. Sempre tinha a desagradável impressão de que Heidegger estava me espreitando por cima dos ombros” (GADAMER, 2011, p. 560). Percebe-se assim, a responsabilidade em refletir a produção e dar interpretação a uma obra, mesmo que essa seja como inspiração. Bem como o desafio para a escrita de um estudo que consiste em não reproduzir o conhecimento do filósofo, mas reinterpretar.

Assim, recorre-se a buscar a compreensão sobre os elementos que possam elucidar o objeto de estudo no presente, mas recorrendo a essa consciência histórica, pois, “todo encontro com a tradição realizado graças à consciência histórica, experimenta por si mesmo, a relação de tensão entre texto e presente”. A tarefa hermenêutica consiste em não transformar em uma assimilação ingênua, mas a necessidade de desenvolver de forma consciente. Dessa forma, a necessidade de projeção para um horizonte diferente do presente (GADAMER, 2015, p. 405). “Reduzida à função de método, a hermenêutica perde de vista exatamente aquele motivo que levou a buscar uma alternativa à tradição pós-cartesiana: a inserção ontológica do ser humano no contexto temático a ser investigado” (FLICKINGER, 2010, p. 37).

Assim como Gadamer corroborava com a ideia de que na hermenêutica “a compreensão não é necessária somente para o trato com textos, mas também no trato com pessoas” (GADAMER, 2011, p. 350). Assim, a hermenêutica filosófica possibilita a análise de dados de estudos, como em análise documental, ao remeter aos documentos que compõem o embasamento legal, bem como, na análise de depoimentos que resultem de diálogos com participantes.

Portanto, as opiniões prévias não podem ser interpretadas de forma equivocada, assim como não devem ser omitidas em relação à busca da compreensão da opinião de um outro. “Quando se ouve alguém ou quando se empreende uma leitura, não é necessário que se esqueçam todas as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias”. O que se exige é a abertura para a expressão do outro ou do texto, também em uma relação de disponibilidade, acolhimento às opiniões próprias. Assim, as opiniões prévias representam um universo de multiplicidade do ‘opinável’, entre o que o leitor pode encontrar ou esperar encontrar de sentido. Sendo necessária a escuta atenta para o que o outro expressa, para que seja possível integrar o mal-entendido nas próprias e variadas expectativas de sentido (GADAMER, 2015, p. 358).

Assim, na busca pela compreensão, o pesquisador não deve depender unicamente de suas próprias opiniões prévias, de forma a ignorar a opinião do texto e acabe dessa forma comprometendo esse processo de atingir a compreensão. Pois, diante do interesse de compreensão de um texto, o pesquisador deve estar disposto ao que será dito. “Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem uma ‘neutralidade’ com relação à coisa nem tampouco um anulamento de si mesma”. Referindo à apropriação das opiniões prévias e preconceitos pessoais. De forma a que o pesquisador compreenda suas questões próprias e permita que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade. Assim, será possível confrontar a verdade do texto com as opiniões prévias pessoais (GADAMER, 2015, p. 358).

“Na verdade, não é a história que nos pertence, mas somos nós que pertencemos a ela”. Pois entende-se que antes da nossa compreensão sobre o passado, já é realizada a compreensão do nosso papel na família, na sociedade e no Estado em que se vive. Assim, a subjetividade, a autorreflexão estão presentes na vida histórica. “Por isso, os preconceitos de um indivíduo, muito mais que seus juízos, constituem a realidade histórica de seu ser” (GADAMER, 2015, p. 367-368).

Ao pensarmos em compreensão “devemos deslocar-nos para a perspectiva na qual o outro conquistou sua própria opinião”. Dessa forma, respeitando o que foi dito pelo outro e seus argumentos, como o que acontece já na conversação, pois “se torna ainda mais claro na compreensão do escrito” (GADAMER, 2015, p. 386-387).

Então, ao se referir ao círculo hermenêutico é citado por Gadamer que no mesmo ocorre o intercâmbio entre os movimentos da tradição e do intérprete. “A antecipação de

sentido, que guia a nossa compreensão de um texto, não é um ato da subjetividade, visto que se determina a partir da comunhão que nos une com a tradição” (GADAMER, 2015, p. 388). Pois ao ser lido um texto, subtende que o leitor possui opinião prévia, e essa relação com o objeto em estudo constitui um processo contínuo.

“Lembramos que compreender o que alguém diz não é produto de empatia, que advinha a vida psíquica do falante. É claro que, em toda compreensão, o que é dito adquire sua determinação através de uma complementação ocasional do seu sentido” (GADAMER, 2015, p. 630). E esse sentido está na análise não apenas do que foi dito, mas da sua contextualização com o momento histórico.

Nas palavras de Gadamer (2011, p. 354):

Podemos falar sobre tudo, e o que alguém diz deve, de princípio, poder ser compreendido (...) O domínio técnico dessa capacidade de falar e de compreender se manifesta plenamente no uso da escrita, na redação de 'discursos' e na compreensão do escrito. A hermenêutica pode ser definida justamente como a arte de trazer novamente à fala o dito ou o escrito.

Ainda de acordo com o autor: “uma hermenêutica adequada à coisa em questão deve mostrar a realidade da história na própria compreensão. A essa exigência eu chamo de 'história efetual'. Compreender é, essencialmente, um processo de história efetual” (GADAMER, 2015, p. 396). Buscando, portanto, a inserção do ser humano na história e entender os efeitos que eclodiram do momento vivido que está sendo investigado.

A consciência histórica por sua vez, deve estar presente em uma consciência formada hermeneuticamente, pois “ela tomará consciência dos próprios preconceitos que guiam a compreensão para que a tradição se destaque e ganhe validade como uma opinião distinta” (GADAMER, 2015, p. 395). “A consciência histórica experimenta por si mesmo a relação de tensão entre texto e presente” (GADAMER, 2015, p. 405). E a mesma, “sabe da alteridade do outro e do passado em sua alteridade” (GADAMER, 2015, p. 470).

Dessa forma, a consciência histórica permite o resgate das vivências, as lembranças das pessoas, refletindo os momentos tal como aconteceram. E ao ser relevante esse momento, esse diálogo, será registrado nesse sujeito. Portanto, a coleta de dados de um estudo com realização de entrevista, propicia não apenas aos participantes, como à pesquisadora, se remeter a esses acontecimentos. “A consciência da história efetual, a ser desenvolvida, está inicialmente em consonância com a máxima de se visualizar a própria situação hermenêutica e a produtividade da distância temporal” (GRONDIN, 1999, p.190).

Não foi minha intenção desenvolver uma 'doutrina da arte' do compreender, como pretendia ser a hermenêutica mais antiga. Não pretendia desenvolver um sistema de regras artificiais capaz de descrever o procedimento metodológico das ciências do espírito, ou que pudesse até guiá-lo (GADAMER, 2015, p. 14).

Ressalta-se dessa forma, que os estudos de Gadamer não foram feitos com a pretensão de serem utilizados como método, mas isso aconteceu diante da disseminação dessa possibilidade por seus alunos.

De acordo com Mello: “o círculo hermenêutico deve ser compreendido a partir dos estudos heideggerianos, ou seja, a estrutura circular da compreensão é dada a partir da temporalidade do ser-aí (*dasein*)” (MELLO, 2012, p. 36). A temporalidade que estaria entre o período da tradição (que é aquilo que foi herdado ao longo do tempo). Portanto, o que ficou para trás. Mas ela resulta também na experiência/vivência (que é aquilo que o indivíduo se predispõe a viver). O autor continua: “o círculo hermenêutico em um sentido ontológico originário, através do qual a verdade se manifesta por meio do desvelamento do ser” (MELLO, 2012, p.36). Esse desvelamento do ser que é uma abertura, uma visibilidade que é dada ao ser. É tirar a impressão de estruturas conceituais previamente impostas, seja por ideologias ou por formas de pensamento.

Ainda de acordo com o pesquisador, a compreensão é sempre um projetar-se, a partir de determinadas perspectivas do intérprete (MELLO, 2012; GADAMER, 2015). Seria fazer uma projeção das ideias, desses conceitos na mente e o estar nessa realidade. Portanto projetar-se é assumir o lugar no qual o sujeito quer estar, ou assumir o lugar do outro que está sendo exemplificado.

É válido ressaltar que o projetar não quer dizer necessariamente que a pesquisadora estava ou esteve no lugar do outro, mas que está tentando se colocar no lugar do outro para assumir os seus sentimentos naquele ato, para assumir a sua forma de pensar naquele ato. É uma forma de compreender como o outro agiria. Então, se o sujeito projeta, compreende a partir da projeção e mantém a imparcialidade para não ser tendencioso, diante da impregnação das suas vivências, para não sobrepor aquilo que o outro disse ou quis expressar.

A disposição e a disponibilidade são necessárias para a projeção, pois o sujeito também não pode se projetar se não quiser, ou se não tiver uma compreensão da sua finalidade.

O círculo hermenêutico se inicia pelas opiniões prévias, pois a pergunta é aquilo que vai resultar da opinião prévia (a opinião sobre algo que possibilita o questionamento). Este processo que pode ser percebido e exercido durante a leitura de um texto, de um documento, como na conversação com um sujeito. Assim, ao entrar em contato com o texto, após a leitura, esse texto já não é indiferente. Pois houve uma apropriação do texto, o sujeito se colocou diante da tradição (que está relacionada à pertença e que é constituída de elementos que justificam a ocorrência do momento histórico) e a história efetual, sendo assim, possível fazer uma análise linguística do texto para que se possa compreender, chegar à essência (GADAMER, 2015).

Para o desenvolvimento de um estudo, desde o projeto até a questão da coleta de dados, enquanto pesquisadora, para que fosse desenvolvida a pergunta, as questões norteadoras, é necessário se remeter à opinião prévia e seguir para o conhecimento, o aprofundamento por meio dos documentos e diálogos, como por exemplo, com atores do processo de ensino-aprendizagem (discentes e docentes). Pois o círculo hermenêutico

perpassa por cada um desses elementos: opiniões prévias, pergunta, diálogo/ouvir/linguagem, experiência/vivência, tradição, história efetual, fusão de horizontes e aplicação.

Ao intérprete cabe possibilitar que o texto diga algo para que se evite o mal entendido (GADAMER, 2015). Isso é fundamental na leitura do texto, para que não ocorra a manipulação daquilo que o autor pretendeu falar, de forma que o leitor interprete meramente a seu modo. Isso pode ser visto quando a serem sinalizadas citações de autores, não há a devida responsabilidade, portanto, ao não ser fiel a aquilo que o autor quis dizer, como a realização de analogias que não são possíveis, que extrapolam a fala do autor.

É necessário que exista essa possibilidade por parte do leitor de se permitir, estar sensível, aberto para o que texto possa dizer, tal qual está a sua finalidade, mesmo que enquanto leitor seja possível concordar ou não com o que está escrito. Dessa forma, a análise de dados por meio da hermenêutica filosófica exige um rigor. Uma das dimensões se refere a alteridade. Pois a alteridade textual é o fato de que em relação a um texto existe o leitor e esse texto que está transmitindo algo. Essa alteridade deve ser feita de tal forma que o texto possa se apresentar tal como ele está escrito ou tal qual foi a sua intenção e que o leitor possa apreender do mesmo, confrontá-lo, confrontar a verdade com as opiniões prévias.

Gadamer por sua vez coloca no centro, no contexto central a verdade. Pois ele deseja que a verdade seja confrontada porque caso ela não seja mantida, não era verdade, era opinião. Então, toda verdade por mais que ela seja adversa ao que o sujeito pensava, é a verdade.

Em um estudo, é apresentada uma tese e após a coleta e análise dos dados é possível entender a verdade desvelada entre a opinião prévia do(a) pesquisador(a) e os conhecimentos emergidos dos textos, dos documentos e sua respectiva alteridade, assim como dos depoimentos dos participantes.

O preconceito na área da saúde deve ser refletido, pois direciona na maioria das vezes para uma dimensão negativa sobre o outro (DELUQUE JUNIOR; COSTA, 2020). Porém, na percepção de Gadamer, a definição de preconceito negativos (conhecimento prévio) e positivos (conhecimentos que tornam possível a compreensão), darão sentido ao sentimento de pertença, pois na leitura de um texto não basta esse ato de ler, mas é preciso nutrir essa pertença (a possibilidade de escutar, compreender o ocorrido da forma como se apresenta) para que se torne possível compreender o comportamento daquela época, por exemplo (GADAMER, 2015). Assim, para uma nova compreensão, se parte de um entendimento prévio. Não sendo apenas entre pessoas, como entre uma pessoa e um texto, entre o pesquisador e o participante.

Assim, durante a coleta de dados de um estudo, bem como da sua análise, enquanto o(a) pesquisador(a) coloca-se de forma aberta, agindo como protagonista para perceber e apreender na escuta, nas leituras, pelos registros sobre o contexto histórico (o deslocar-se

ao horizonte histórico), político, social, econômico, possibilita a escrita, assim como outras interpretações e produções futuras. Para que possam ser analisadas a tradição e que se coloque como participante da história efetual. Assim como, na hermenêutica filosófica, “dizer o que se tem em mente, fazer-se entender, mantém numa unidade de sentido o que foi dito junto com uma infinitude do não dito” (GADAMER, 2015, p. 606).

Percebe-se o que está nas entrelinhas como algo sempre mais amplo do que está nas linhas. O que está nas linhas é aquilo que o sujeito está condensando para poder expressar de uma forma prática, teórica, mas o que está nas entrelinhas é maior sob o ponto de vista que tudo que está nas entrelinhas, e que de certa forma está escondido, está velado e portanto, o que vai ocasionar esse processo de descoberta é justamente o processo da linguagem.

O horizonte, segundo Gadamer:

Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto. Aplicando esse conceito à consciência pensante, falamos então da estreiteza do horizonte, da possibilidade de ampliar o horizonte, da abertura de novos horizontes (GADAMER, 2015, p. 399).

À medida que o leitor vai progredindo nas leituras, os horizontes vão se ampliando, se elucidando. De tal forma que o leitor não fique contido apenas em uma visão reducionista do texto. Mas que de fato, possa fazer uma hermenêutica saudável, percorrendo junto com o texto, todos os caminhos no qual ele tomou, até chegar naquela compreensão.

Quando a percepção do leitor interage com a do autor, ocorre a fusão de horizontes. O que o autor tinha em mente na época com a fusão da percepção do leitor, ou seja, o que o leitor entende na leitura atual, diante do que o autor entendia. O que seria não a reprodução do pensamento do autor, mas uma produção a partir do pensamento dele. E portanto, a hermenêutica atingirá seu objetivo, no sentido de que a compreensão deve ser aplicada (GADAMER, 2015). Em que o(a) pesquisador(a) aprende ao viver a experiência desde os conceitos prévios, passa pelas perguntas, pela história efetual, até à aplicação, ao fazer esse processo hermenêutico, a conclusão deve ser a aplicação. Portanto, a aplicação do que foi compreendido é fundamental para a construção do ser.

Então o sujeito se faz presença, é presente a partir do momento que assume a responsabilidade como protagonista da história, por meio de um protagonismo autêntico, no âmbito não apenas da compreensão, mas também, da aplicação. Para que o ser cumpra efetivamente uma posição de atuação no mundo, o agir dentro do contexto do mundo, no cenário no qual está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em estudos realizados sobre o processo ensino-aprendizagem da educação em saúde nos Cursos de graduação em Enfermagem verifica-se que os documentos sobre o resgate históricos de currículos e PPC que estão disponíveis *online* em alguns *sites*

se remetem às versões desatualizadas, por mais que em algumas instituições estejam ocorrendo os esforços para as atualizações, no entanto, nem sempre há transparência sobre essas evidências a partir de escutas de discentes e docentes.

Sendo possível inferir que isso pode representar um problema comunicativo, um problema hermenêutico, visto que pode ser feita uma interpretação de uma realidade que não está acontecendo, que não está mais presente, de uma realidade que é um fato histórico. Por exemplo, um PPC desatualizado, é um fato histórico, assim pode não representar mais “a ponte” entre esse período no qual foi escrito, construído e o período atual.

Destaca-se que é pertinente, em se tratando de análise documental, estar atento a alteridade do texto, uma vez que o pesquisador deve estar aberto para as opiniões do autor e dessa forma, confrontar o texto com suas opiniões prévias. Para que isso ocorra, é preciso que o(a) pesquisador(a) permita que o texto fale algo por si e dessa forma se minimize a possibilidade de qualquer mal-entendido, uma vez que uma das exigências hermenêuticas é a compreensão do que o texto revela a partir da concretude do que foi produzido.

A análise de dados também a partir de transcrição de depoimentos de entrevistado(a) e posterior utilização do embasamento da hermenêutica filosófica, segundo Hans-Georg Gadamer, é uma possibilidade para a produção científica, diante do objetivo de análise de identificar nos documentos e nos depoimentos, os elementos que se remetem ao círculo hermenêutico, partindo das opiniões prévias que possibilitam a pergunta. Dessa forma, a serem selecionados os fragmentos que se remetem ao diálogo, ouvir e linguagem; experiência/vivência; tradição; história efetual; fusão de horizontes e aplicação. Assim como, ao ser percebido que algo comprometeu o círculo hermenêutico, a ênfase também para essa ruptura.

REFERÊNCIAS

DELUQUE JUNIOR, R.; COSTA, M. L. Preconceito ou pré-conceito? Construindo sentidos sobre preconceito e saúde à luz da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer: uma revisão integrativa. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 9, n.1, p. 223-252, 2020.

FLICKINGER, H-G. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

GADAMER, H-G. **Verdade e método II: complementos e índice**. 6. ed. Tradução de Ênio Paulo Giachini e Marcia Sá Cavalcante- Schuback. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.

GADAMER, H-G. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15. ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer e Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

MELLO, C. de M. A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. **Legis Augustus**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 33-41, jul./dez. 2012.